

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS,
PUBLICIDADE E PROPAGANDA E TURISMO

GABRIELA TREVIZAN DE OLIVEIRA

**A POPULARIZAÇÃO DOS BAILES NA SOCIEDADE:
UM ESTUDO DO CASO DEEKAPZ**

SÃO PAULO

2024

GABRIELA TREVIZAN DE OLIVEIRA

A POPULARIZAÇÃO DOS BAILES NA SOCIEDADE:
UM ESTUDO DO CASO DEEKAPZ

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em
Relações Públicas ao Departamento de
Relações Públicas, Publicidade e
Turismo da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo.
Profº Orientador: Massimo Di Felice

São Paulo
2024

GABRIELA TREVIZAN DE OLIVEIRA

**A POPULARIZAÇÃO DOS BAILES NA SOCIEDADE:
UM ESTUDO DO CASO DEEKAPZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em
Relações Públicas ao Departamento de
Relações Públicas, Publicidade e
Turismo da Escola de Comunicações e
Artes da Universidade de São Paulo.
Profº Orientador: Massimo Di Felice

Data da aprovação: __/__/____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA AVALIADORA:

Profº. Drº. Massimo Di Felice

Membro convidado

Local: Universidade de São Paulo - Escola de Comunicações e Artes

Oliveira, Gabriela Trevizan de A POPULARIZAÇÃO DOS BAILES NA SOCIEDADE: UM ESTUDO DO CASO DEEKAPZ / Gabriela Trevizan de Oliveira; orientador, Massimo Di Felice. - São Paulo, 2024. 51 p.: il. + Entrevista em Vídeo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Bibliografia 1. INTRODUÇÃO. 2. ESFERA PÚBLICA E REDES DIGITAIS. 3. CULTURA HIP HOP E O PAPEL DO FUNK NA PERIFERIA. 4. POPULARIZAÇÃO DOS BAILES E O PAPEL DE DEEKAPZ. 5. VIVÊNCIAS PESSOAIS E REFLEXÕES: CONEXÕES COM O MOVIMENTO DOS BAILES. I. Di Felice, Massimo . II. Título. CDD 21.ed.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à dupla Deekapz, Paulo e Matheus, e ao co-empresário João, por gentilmente terem participado desta pesquisa, compartilhando suas histórias, perspectivas e contribuindo com reflexões tão enriquecedoras. Estendo minha gratidão a todos os DJs que fazem dos bailes periféricos um espaço de troca, inclusão e resistência cultural.

Ao meu professor orientador, Massimo Di Felice, pelo apoio acadêmico e intelectual ao longo desta jornada., ampliando a minha visão e possibilidades com este tema.

À minha família, principalmente as mulheres que foram meus alicerces e que sonharam este momento comigo durante toda a minha jornada. Minha mãe Rosângela, meu amor maior, que me preparou e incentivou para encarar a vida de frente. Minha tia Emília que despertou em mim a paixão pela leitura. Minha irmã Vitória que sem dúvida será a continuação de uma geração que ousa sonhar. Minha tia Dora que acreditou em mim. Minhas avós, Maria da Paz e Alice que foram exemplos de cuidado. Agradeço também aquele que eu mais admiro, meu avô José, o maior comunicador que conheço, esbanjando sabedoria e lucidez no auge de seus 95 anos. Além disso, meu muito obrigada a cada amigo que me acompanhou, aconselhou e viveu os melhores e piores momentos dessa trajetória, cada um de vocês foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Por fim, agradeço à Escola de Comunicações e Artes (ECA), minha tão sonhada e esperada ECA que foi meu lar em muitos momentos, permitindo que eu criasse amizades e colecionasse momentos que guardarei com muito carinho.

“O baile foi feito pra curtir e pra dançar”
(Lei do Baile - Deekapz)

RESUMO

Este trabalho analisa a transformação dos bailes periféricos e como estes são agentes transformadores da esfera pública contemporânea, tendo a dupla de DJs e produtores musicais Deekapz como foco central. Com base em entrevista realizada com a dupla, investigam-se as estratégias musicais e estéticas que redefinem a percepção dos bailes enquanto espaços de inclusão e resistência cultural. O trabalho conta com o enriquecimento de teorias como a de Habermas, Di Felice e Lévy que fundamentam a análise da esfera pública e sua fragmentação na atualidade. Aportes teóricos como a criação do movimento Hip Hop e seus desdobramentos são de suma importância para entender o processo de consolidação dos bailes na sociedade, enquanto vivências pessoais complementam a discussão sobre o impacto desses eventos na identidade periférica. Redes sociais, moda e inovação sonora emergem como pilares dessa ressignificação cultural.

Palavras-chave: Bailes periféricos; Esfera pública; Deekapz; Hip Hop; Resistência cultural; House Music; Identidade periférica; Funk.

ABSTRACT

This study examines the transformation of peripheral bailes (street parties) and their role as agents of change within the contemporary public sphere, focusing on the DJ and music producer duo Deekapz. Based on an interview with the duo, the research investigates musical and aesthetic strategies that redefine bailes as spaces of inclusion and cultural resistance. The study draws on theories by Habermas, Di Felice, and Lévy to explore the fragmentation of the public sphere. Contributions such as the origins of the Hip Hop movement provide critical context for understanding the consolidation of bailes in society. Personal experiences complement the discussion, highlighting the impact of these events on peripheral identities. Social media, fashion, and sonic innovation emerge as pillars of this cultural redefinition.

Keywords: Peripheral bailes; Public sphere; Deekapz; Hip Hop; Cultural resistance; Social media; Fashion; Sonic innovation; Peripheral identity; Fragmentation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 ESFERA PÚBLICA E REDES DIGITAIS.....	11
2.1. Teoria da Esfera Pública de Habermas.....	11
2.2. Desmoronamento da Esfera Pública em Massimo Di Felice.....	13
2.3. Redes Digitais como Novo Espaço Público e o Impacto na Música Periférica.....	14
3 CULTURA HIP HOP E O PAPEL DO FUNK NA PERIFERIA.....	17
3.1 Breve histórico do Hip Hop e do Rap e sua importância no Brasil.....	17
3.2 Funk como voz da periferia: da influência do Hip Hop à identidade própria.....	19
3.3 House Music: A Influência Afrodescendente e o Papel dos Clubes Underground...	22
4 POPULARIZAÇÃO DOS BAILES E O PAPEL DE DEEKAPZ.....	24
4.1 A História e Fusão Musical do Deekapz: Entre Funk e a House Music.....	24
4.2 A Transformação dos Bailes: Inclusão e Legitimidade Cultural.....	29
4.3 Deekapz em Festivais: Conectando a Cultura Periférica ao Mainstream.....	32
4.4 Redes Sociais e Estética: A Construção da Identidade Cultural do Deekapz.....	34
4.4.1 A Estética Visual nas Redes.....	35
4.4.2 Moda e Expressão Cultural.....	40
5 VIVÊNCIAS PESSOAIS E REFLEXÕES: CONEXÕES COM O MOVIMENTO DOS BAILES.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

A música, como expressão cultural milenar, é capaz de transmitir ideias, sentimentos e construir identidades coletivas. Por meio de suas letras e ritmos, muitos movimentos artísticos nasceram ao longo da história em busca de voz e representação. É neste contexto que surgiram os bailes periféricos, não apenas como uma válvula de escape do cotidiano, mas igualmente como forma de resistência e afirmação frente à exclusão frequentemente imposta pela desigualdade econômica, política e social que marca nossa sociedade. Para Gilberto Gil (2009) "a periferia é um estado de espírito" - o que coloca a periferia não como um lugar geográfico apenas, mas sim como uma maneira singular de enxergar e viver no mundo, compartilhada por aqueles postos às margens da estrutura social dominante.

No cenário atual, os bailes periféricos, antes restritos aos moradores de suas comunidades, ganharam alcance e visibilidade por meio das redes sociais, transformando, assim, as esferas públicas tradicionais. Ao longo deste trabalho, discutiremos o conceito de esfera pública sob a perspectiva de vários autores. Com o passar das décadas, o conceito sofreu profundas mudanças, desde sua concepção como um espaço ideal de debate livre e racional, segundo Habermas, até a visão mais complexa de fragmentação e multiplicação das 'ecologias da comunicação', proposta por Di Felice. Ambos debatem o possível declínio da esfera pública. No entanto, enquanto Habermas adota uma visão pessimista, baseada no domínio do mercado e na perda da racionalidade — levando ao enfraquecimento da democracia deliberativa —, autores como Di Felice interpretam essa transformação como um mosaico de espaços de comunicação, cada um com suas próprias dinâmicas. De acordo com Di Felice (2017), às redes digitais reconfiguram os espaços de interação, onde não há mais fronteiras fixas, e as trocas simbólicas são instantâneas e globalizadas, permitindo a reconstituição de novas esferas públicas.

Isto posto, é inegável que os bailes e a cultura periférica de maneira geral foram e ainda são diretamente influenciados pela cultura Hip Hop e suas vertentes, como o Funk e o Rap. O movimento chegou ao Brasil tendo como palco a região central de São Paulo por volta de 1980 com a missão de “[...] conscientizar, educar, humanizar, promover e divertir os moradores da periferia” (FOCHI, 2007, p.63). Composto por quatro pilares, sendo eles o MC (voz), o Break (dança), o Dj (música) e o Grafite, o Hip Hop não só corroborou para formar a identidade de comunidades através da arte, mas também se tornou um agente catalisador na qual a cultura da periferia se disseminou e se tornou protagonista de muitas discussões que desafiavam o status quo. Entretanto, ao longo do tempo, o Funk emergiu como o gênero

musical que melhor traduz a identidade e as demandas da periferia nos bailes atuais, consolidando-se como a expressão cultural mais associada a esses eventos.

Nesse contexto, a trajetória da dupla de produtores e DJs Deekapz, cuja música é marcada pela fusão de funk, soul, house music, hip hop e diversos outros gêneros, revela-se especialmente relevante. A dupla não apenas representa uma nova geração de DJs e produtores musicais que dialogam diretamente com o público periférico, mas também se apropria das redes sociais como meio de divulgação e fortalecimento cultural. Com dez anos de trajetória recém-completados, a dupla, que iniciou sua carreira no interior de São Paulo, exemplifica como as influências sonoras locais e globais convergem, criando uma estética única que os levou a conquistar festivais nacionais e realizar turnês pela Europa. Além de tocarem em festas e eventos privados, Matheus e Paulo, juntamente de seu co-empresário João, criaram o baile 0800, uma festa na rua e de graça. Esses eventos, realizados no centro da capital paulista, atingem uma nova dimensão ao serem amplamente divulgados nas plataformas digitais, como Instagram, TikTok, SoundCloud e YouTube, integrando-se à esfera pública digital. Para mais, esses encontros unem outros nomes de artistas de quebrada¹ que somam à experiência. A dupla ainda organiza o “Deekapz Experience”, um baile fechado onde se tem uma imersão ao seu universo criativo, contando com sets de Djs conhecidos na cena², como Caio Prince e a dupla Kenan e Kel.

Dado este histórico, de que maneira a presença do Deekapz impacta em grandes festivais e eventos populares, ao unir a cultura periférica com a mainstream e expandir o alcance dos bailes na sociedade atual? É este o principal questionamento que busco responder neste trabalho através da entrevista com o próprio duo. Além disso, a pesquisa aborda uma visão pessoal sobre o fenômeno, já que o contato com os bailes e com a cultura da periferia, a qual faço parte, foi vivenciado de forma direta. Através da vivência singular sobre o impacto da música como fator crucial na formação identitária e cultural de certos grupos, este projeto busca traçar um panorama crítico sobre a influência de artistas como Deekapz no processo de reconfiguração das esferas públicas.

¹ "Quebrada" é uma expressão popular nas periferias urbanas brasileiras que designa comunidades ou favelas. Além de se referir a um espaço geográfico, a palavra representa identidade e pertencimento para os moradores, refletindo a convivência, resistência e solidariedade típicas desses locais, onde a cultura e as relações comunitárias são ressignificadas (Pereira, 2018).

² No contexto do Hip Hop e do Funk, "cena" refere-se ao conjunto de artistas, eventos, estilos e práticas culturais que caracterizam e movimentam esses gêneros musicais em uma determinada localidade. A cena é marcada pela interação entre os artistas, o público e a comunidade, sendo um espaço de expressão e resistência cultural.

2 ESFERA PÚBLICA E REDES DIGITAIS

2.1. Teoria da Esfera Pública de Habermas

Ao passar das décadas, a teoria da esfera pública foi amplamente debatida, e um dos seus principais idealizadores foi o filósofo alemão Jürgen Habermas, um dos últimos representantes da escola de Frankfurt. Em seu livro “Mudança estrutural na esfera pública”, lançado em 1962, o pensador alemão traz um olhar interdisciplinar sobre as transformações culturais advindas do modelo de sociedade capitalista, buscando entender os processos democráticos e as dinâmicas de comunicação que ocorrem nas sociedades modernas.

Ainda na introdução, o autor elucida que há diferentes entendimentos acerca de “público” e de “esfera pública”, mostrando que muitos são os significados atrelados ao conceito de “público” em diferentes contextos. Habermas observa que esses conceitos têm origem na pólis grega, onde se distinguia o que era de interesse coletivo — discutido publicamente por cidadãos livres nos espaços comuns — da esfera privada, associada ao ambiente doméstico e pessoal. Essa distinção estabeleceu uma forma inicial de separação entre a esfera pública e a privada (HABERMAS, 2014, p. 96). Esses conceitos só passaram a ter uma aplicabilidade jurídica com o nascimento do Estado moderno que para Habermas (1984, p.14), se caracteriza “quanto poder público responsável pela promoção do bem público”.

Considerando este histórico, o autor explora o conceito de esfera pública burguesa, que nasce após um longo período monárquico, mais especificamente no século XVIII. Emergiu-se assim uma hierarquia geral na classe burguesa letrada da Europa, transformando cafés, salões e clubes literários locais importantes onde a burguesia discutia questões de interesse e usava o poder para criticar a estrutura estatal. Segundo ele:

A arte do raciocínio público é aprendida pela vanguarda burguesa da classe média culta em contato com o “mundo elegante”, na sociedade aristocrática da corte que, é verdade, à medida que o moderno aparelho de Estado se autonomizava em relação à esfera pessoal do monarca, separava-se por sua vez cada vez mais da corte, passando a constituir um contrapeso na cidade. A “cidade” não é apenas economicamente o centro vital da sociedade burguesa; em antítese política e cultural à “corte”, ela caracteriza, antes de mais nada, uma primeira esfera pública literária que encontra as suas instituições nos coffee-houses, nos salons e nas comunidades de comensais (HABERMAS, 2003a, p. 44-45).

Dessa forma, o conceito habermasiano define a esfera pública como um espaço de mediação entre o Estado e a sociedade civil, em que os cidadãos, por meio do debate crítico e racional, argumentam sobre os interesses comuns (HABERMAS, 2014, p. 135). Além disso, este espaço é primordial para a formação da opinião pública e para o exercício da democracia, visto que é através dele que a participação dos indivíduos na construção do discurso político é facilitada. Isto posto, é importante ressaltar que para o autor, a esfera pública é de acesso a todos, contudo, esse todos significava aqueles que possuíam propriedades e educação culta, sendo assim “as qualificações de um homem privado com acesso à esfera pública: propriedade e formação educacional” (HABERMAS, 2003a, p. 107).

Entretanto, segundo o filósofo, a esfera pública enquanto um espaço que promovia o diálogo crítico e racional, sofreu transformações com o avanço do sistema capitalista e a comercialização dos meios de comunicação da época, sendo regido por interesses privados e mercantis. Em um primeiro momento, a mídia que tinha como função facilitar o debate público, passou a ser influenciada pelos interesses de mercado, manipulando assim a opinião pública. Consequente, com o desenvolvimento dos grandes conglomerados midiáticos, voltando seus olhares e suas pautas para a lógica de mercado e visando a maximização do lucro, o papel desempenhado pela esfera pública é distorcido. Este novo cenário, faz com que a imprensa deixe de cumprir seu papel enquanto mediadora neutra e passe a ser um instrumento de persuasão, em que a informação é vista como produto, e não mais como um bem comum.

Habermas (1962) chama esse processo de “refeudalização da esfera pública”, demonstrando que o espaço de debate antes participativo e acessível, é paulatinamente monopolizado pelas elites políticas e econômicas. Na visão do autor, essa alteração da dinâmica faz com que a opinião pública se converta em uma massa influenciada por conteúdos midiáticos enviesados e superficiais. Ele aponta: “a publicidade se impõe com a ajuda de uma secreta política de interesses; ela consegue prestígio público para uma pessoa ou uma questão.” (HABERMAS, 2003, p. 235). Em outras palavras, a esfera pública, que deveria promover debates voltados ao bem comum, torna-se palco de interesses privados. Isso implica que a mídia, antes um instrumento essencial para a construção democrática ao fornecer informações de qualidade, agora responde prioritariamente aos interesses do capital.

Após os anos 1980, Habermas passa a definir a esfera pública como “uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensar em opiniões públicas enfeixadas em temas específicos” (HABERMAS, 1997, p. 92). Portanto, vemos a ideia de

uma esfera pública mais democrática, compreendendo a complexidade das relações do Estado e a sociedade. Apesar de ter realizado modificações em sua obra ao passar dos anos, a visão habermasiana se mostra um tanto limitada no contexto contemporâneo, já que a mídia exerce um papel ambíguo, sendo um veículo importante de informação, mas também, em muitos casos, uma ferramenta de controle. Por essa razão, autores como Di Felice e Lévy trazem um olhar mais atualizado sobre a esfera pública e sua relação com a mídia na era digital. As contribuições desses autores serão discutidas nos próximos tópicos, promovendo reflexões sobre o impacto das redes digitais no espaço público e no debate democrático.

2.2. Desmoronamento da Esfera Pública em Massimo Di Felice

Com a origem das redes digitais, a teoria da esfera pública passa por uma reconfiguração fundamental. Um dos principais autores que discorrem sobre essa mudança na atualidade é o sociólogo, pesquisador italiano e professor titular da Universidade de São Paulo, Massimo Di Felice. Sob uma perspectiva crítica acerca do papel dessas novas formas de comunicação, o autor argumenta que o modelo tradicional da esfera pública, idealizado por Habermas, fragmenta-se em uma realidade conectada à rede. Dessa forma, o conceito clássico de esfera pública, que inicialmente era mediado através dos meios de comunicação tradicionais, como jornais, rádio e televisão, abre espaço para novas maneiras de debates e interações, agora descentralizadas. Segundo o autor:

A importância específica das arquiteturas informativas e das ecologias comunicativas é ignorada e subestimada pelos principais estudos sobre a esfera pública. A própria análise sobre o agir comunicativo desenvolvida por J. Habermas é, quanto a isso, explícita a evitar levar em conta seriamente a função das arquiteturas informativas no interior dos processos de participação (DI FELICE, 2017, p. 78).

Com isso, o sociólogo evidencia que a comunicação contemporânea não mais gira em torno das instituições formais, mas em redes digitais distribuídas. Ainda nas palavras do autor, Di Felice (2017) argumenta que as tecnologias digitais transformaram radicalmente as formas de conexão e interação, superando as ecologias sociais baseadas nos meios de comunicação de massa tradicionais. Essas redes permitem interações espontâneas constantes, promovendo assim uma pluralidade de opiniões e visões de mundo. O resultado desse “desmoronamento da esfera pública”, são, portanto, novas formas de participação social, em que os indivíduos

não mais precisam de mediação institucional. Percebe-se que o processo de participação política torna-se mais inclusivo e democráticos.

Sob essa perspectiva, para Di Felice (2017), a esfera pública não pode ser entendida como um espaço homogêneo de deliberação, já que o conceito de “público” se distancia daquele concebido por Habermas, agora se tratando de micro-esferas digitais com suas próprias linguagens, participantes, construindo seus próprios pensamentos e regras. Na era em que vivemos, marcada por inteligências artificiais e algoritmos, o autor menciona que essas vivências online não se limitam apenas aos humanos, fazendo com que a noção de participação se amplie. Desse modo, a integração entre indivíduos e ferramentas não humanas traz ainda mais complexidade quando falamos da esfera pública na humanidade.

Não obstante, essa fragmentação da esfera pública também apresenta desafios. Na visão de Di Felice, isso ocorre porque, por mais que as redes digitais proponham a pluralidade de vozes, as mesmas podem causar as “bolhas informacionais”, fazendo com que os grupos se isolem em suas próprias comunidades, reforçando seus próprios ideais e descartando o diálogo com outros indivíduos com opiniões divergentes. Tal fenômeno leva a polarização e a radicalização do discurso público, indo de encontro com o ideal habermasiano de um debate pautado na crítica racional. Em suma, essa descentralização pode tomar proporções ambíguas, ao mesmo tempo que democratiza o acesso à informação e participação pública, cria obstáculos para a construção de um espaço realmente deliberativo.

A exemplo disso, na periferia, polo de várias formas de organização social e de expressão cultural, as plataformas digitais se tornam ferramentas essenciais na difusão de esferas públicas próprias. São nesses espaços que a população marginalizada encontra meios de se expressar, circulando informações independentemente das mídias convencionais, se tornando atores sociais no debate político, desafiando assim, as estruturas de poder estabelecidas.

Em síntese, a teoria de Di Felice demonstra que o “desmoronamento” da esfera pública tradicional, pensada por Habermas, não retrata o fim da participação política e social, mas sim cria um novo paradigma comunicativo por meio de sua reconfiguração. Este processo está em construção, e as novas formas de interação humana e não-humana evidenciam o potencial das redes digitais, sobretudo as redes sociais, em redefinir as dinâmicas sociais e políticas na sociedade, sejam estas positivas ou negativas.

2.3. Redes Digitais como Novo Espaço Público e o Impacto na Música Periférica

Como abordado nos capítulos anteriores, as redes digitais são responsáveis por transformar a forma que os indivíduos interagem na contemporaneidade, interferindo e, como abordado por Di Felice, fragmentando as novas esferas públicas. Sob essa ótica, o filósofo francês Pierre Lévy, conhecido por conceitos como cibercultura e inteligência coletiva, define esta última da seguinte forma:

[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta de uma mobilização efetiva das competências, tendo como objetivo o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas. (LÉVY, 2000, p. 28)

Segundo Lévy (2003), a inteligência coletiva é percebida através do compartilhamento e colaboração de grupos e indivíduos conectados, intervindo na forma como as informações são produzidas e consumidas na sociedade. Logo, as plataformas digitais tornam-se ambientes que agregam os mais variados tipos de visões e saberes, ampliando assim o acesso à participação pública de forma cada vez mais descentralizada, permitindo que as vozes periféricas dialoguem diretamente com as do centro. Tal processo é marcado pela dualidade de conservadorismo x inovação: enquanto as plataformas convencionais e os circuitos culturais tradicionais tendem a favorecer práticas e discursos mais conservadores, o uso inovador da tecnologia pelos artistas periféricos desafia essas normas e propaga expressões culturais próprias.

O segundo conceito que sustenta a teoria do filósofo é o de cibercultura. Ele a define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Por ciberespaço, na visão de Pierre, entende-se “(...) uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso” (LÉVY . *ibid.*, p.92). Apoiando-se nos pontos concebidos por Lévy, a cibercultura prova-se capaz de criar oportunidades de empoderamento para comunidades marginalizadas, como é o caso das periferias. Nesses espaços, historicamente postos de lado do centro das produções culturais, as redes digitais e sociais democratizam o acesso, promovendo a difusão das práticas culturais produzidas nas periferias.

As redes sociais, em especial, se destacam como uma extensão da esfera pública, possibilitando que artistas e grupos que antes tinham pouca visibilidade ampliem seu alcance. O próprio movimento Hip Hop é um grande exemplo de como a utilização de meios não convencionais irradia seus fundamentos e influencia a cultura dominante. Essa expansão das

esferas digitais permite que a cultura periférica, marcada pela inovação, promova novos discursos e alcance públicos amplos. Gêneros como o Funk - que bebeu da fonte de ritmos variados- tem se beneficiado através da popularização das redes sociais, já que não há mais limitações geográficas. Como ilustra a frase “A barreira vai virar baile”, musica de Mc Darlan, ocorre o rompimento dos limites entre o físico e o virtual, nota-se assim que a cultura dos bailes transita entre a inovação com o seu jeito próprio de se comunicar e a resistência às forças conservadoras que buscam deslegitimá-la.

Adentrando ainda mais o universo dos bailes e da produção musical periférica, a dupla Deekapz, tema principal dessa argumentação, faz uso dessas plataformas para disseminar sua produção artística de São Paulo para o mundo, levando consigo a autenticidade, vivências e riquezas da cultura preta de periferia. Essa presença digital, simultaneamente inovadora e representativa, fortalece o enfrentamento à lógica centralizadora da produção musical tradicional, criando uma ponte entre as produções periféricas e o público que, no passado, se mantinha distante. Dito isso, o que antes era de domínio dos grandes estúdios e gravadoras renomadas, perde a centralidade e músicos independentes passam a criar e propagar seu som de forma mais livre. Plataformas como Spotify, YouTube, Soundcloud permitem que os artistas compartilhem seus trabalhos sem intermédio de uma gigante da indústria, ou seja, diretamente para o público final. O resultado dessa movimentação é o alto número de views dos fãs e da identificação dos mesmos com os artistas, fortificando ainda mais o senso de pertencimento. Esse fenômeno é potencializado, como veremos mais adiante, pelas redes sociais como Instagram e Tik Tok já que os criadores divulgam os eventos e trabalhos para sua rede online.

Por fim, as redes sociais e plataformas digitais , não apenas criam novos espaços de debate e expressão pública, como também desempenham um papel fundamental na articulação e crescimento das culturas de periferia, principalmente a música. À vista disso, a interação e a inteligência coletiva, nascidas nessa nova configuração, reafirma e fortalece a premissa das redes como importante ambiente de inclusão e transformação social das esferas públicas.

3 CULTURA HIP HOP E O PAPEL DO FUNK NA PERIFERIA

3.1 Breve histórico do Hip Hop e do Rap e sua importância no Brasil

O Hip Hop, enquanto movimento cultural e artístico, surgiu nas comunidades afro-americanas e latinas do Bronx, nos Estados Unidos, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970. Ao contrário do que se acredita, o movimento não se limita apenas à dança, composto por quatro elementos fundamentais, sendo eles o MC (rapper), DJ, grafite e break dance. Consolidou-se como uma forma de expressão que abordava questões políticas e socioeconômicas vividas por aqueles à margem da sociedade. Desde sua origem, o movimento era palco de resistência, servindo como um meio de protesto contra as injustiças sociais e a discriminação racial. O contexto social do Bronx naquela época era explosivo, como bem descreve Tepperman (2011), ao afirmar que “[...] o Bronx era uma espécie de barril de pólvora” (TEPPERMAN, 2011, p.6). "Esses subúrbios, verdadeiros guetos, enfrentavam todo tipo de problemas: pobreza, violência, racismo, tráfico, carência de infraestrutura, de educação, entre outros" (FONSECA apud TOLENTINO, 2008, p. 78), a partir desse contexto e da arte, essa comunidade encontrou a sua voz.

Apesar de ser responsável por influenciar muitos outros ritmos musicais e movimentos culturais, o Hip Hop também nasceu de grandes e importantes misturas de origem africana, o que reafirma a sua ancestralidade. Um dos precursores do Hip Hop foi o DJ Afrika Bambaataa, idealizador do grupo Zulu Nation, aponta em sua visão que:

Inicialmente, o hip hop surgiu como resultado de outros acontecimentos musicais como o Reggae Dance Hall e o Calypso, que estavam sendo feitos na Jamaica. A poesia de Last Poets, Watts Prophets, Gil Scott Heroin, Gary Byrd, Sly Stone, James Brown, Jocko, Murray The K, Cousin Brucie, Eddie O Jay, Muhammad Ali, Malcolm X, Mother Goose, entre outros, já tinha algum tipo de rap em suas canções, mas foi comigo, com o DJ Kool Herc e o Grandmaster Flash que o hip hop começou a se tornar o que ele é hoje. Ele começou nas comunidades negras, que envolve toda a família dos latinos também (BAMBAATAA, 2016).

No Brasil, a introdução do Hip Hop aconteceu na década de 1980, inicialmente tendo a periferia de São Paulo como palco, onde rapidamente se adaptou ao contexto local. A juventude paulistana abraçou o movimento como forma de expressar sua vivência e lutar contra a exclusão social. A cultura Hip Hop foi absorvida e reinterpretada, refletindo os desafios locais e a identidade periférica brasileira. De todas as vertentes do Hip Hop, o Rap

desempenhou um papel crucial nessa realidade, com letras que discutiam e criticavam a vivência das favelas e comunidades periféricas. Por meio das canções, os rappers denunciavam temas como desigualdade, violência e racismo, assim como a luta pela dignidade, transformando suas experiências em narrativas que ecoavam a voz da periferia.

A primeira geração de rappers brasileiros, como Dexter, Sabotage e o grupo Racionais MC 's, teve um papel crucial na ascensão do Rap como um gênero relevante na cultura brasileira. Aqui, traremos um destaque ao Racionais, que se tornaram ícones do Rap nacional por meio de seu posicionamento socialmente engajado, sempre trazendo à tona em suas letras o cotidiano da população preta periférica.

Na periferia, a alegria é igual
É quase meio dia a euforia é geral
É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
(RACIONAIS MC'S, 1993)

Em uma de suas músicas mais emblemáticas, "Da Ponte pra Cá" (2002), os Racionais expressam a exclusão social que sentem, destacando a separação entre o centro da cidade e as favelas. A partir dessa base, o Rap se disseminou pelo país, influenciando novos artistas e dando origem a diversos estilos e subgêneros.

O auge da expansão e diversificação do movimento Hip Hop aconteceu durante os anos 1990, abrindo espaço para a entrada de novos grupos e artistas, o que enriqueceu a cena musical, criando um mix com ritmos como o samba, o funk e o reggae. Essa hibridização de estilos não apenas ampliou o alcance do movimento, mas também fortaleceu sua conexão com a cultura popular brasileira, fazendo com que a mensagem do Rap ressoasse com uma base de fãs cada vez maior, rompendo barreiras de classe e cor. Nessa época, houve a profissionalização do setor, com a criação de gravadoras especializadas e a realização de eventos que celebravam a cultura Hip Hop, como batalhas de freestyle e festivais de Rap. Assim, o Rap brasileiro, bem como a cultura Hip Hop em geral, é indissociável da luta por direitos e igualdade, pois o movimento não só proporcionou um espaço para que os artistas expusessem a realidade de quem habita nas periferias, mas também corroborou para a construção de uma rede de apoio para os jovens que compartilhavam da mesma origem e lutas. É, “através dos gostos e escolhas musicais, artísticas e esportivas, que os jovens vão elegendo um 'estilo' para si, um modo de ver o mundo e se posicionar nele e de expressar esse posicionamento” (ABRAMO, 2001, s.n). À vista disso, por intermédio de coletivos, eventos, oficinas e outras organizações artísticas, o Hip Hop tornou-se uma potente

ferramenta educativa, oferecendo oportunidades para o desenvolvimento de novos talentos.. Para Andrade (2010, p.202) “onde há periferia, há rap”, logo, o Rap não é apenas uma forma de arte, mas também uma expressão de identidade e uma ferramenta de transformação social”. Outrossim, com o advento das redes sociais no século XXI, artistas independentes encontraram uma forma de facilitar a divulgação da cultura e das mensagens que carregam, reforçando a presença do movimento na sociedade contemporânea.

3.2 Funk como voz da periferia: da influência do Hip Hop à identidade própria

Em 1970, o funk estadunidense chegou ao Brasil. Rapidamente, mesclou-se com outros elementos da “black music”, entre eles o rap. Durante a década de 1990, DJs e MCs no Rio de Janeiro, buscando uma identidade própria para o som que produziam, aderiram a subgêneros como “miami bass” e “freestyle” para então chegar ao “Funk Carioca”. Munido de letras que expressam a realidade das favelas e seus moradores, o estilo musical ganhou popularidade e significância cultural ao longo dos anos, revelando diversos artistas e protagonizando polêmicas que incomodavam - e incomodam - a dita “moral” da sociedade brasileira. (Goldenberg 1994 apud Catraca Livre 2014).

O Funk, assim como o Hip Hop, surge como um poderoso meio de expressão cultural nas comunidades periféricas, refletindo as realidades e os anseios vividos por jovens em áreas marginalizadas. Sua origem está nas favelas do Rio de Janeiro na década de 1970 e apesar de ter evoluído de maneira independente, carrega influências significativas da cultura Hip Hop, com uma ligação que transcende os laços musicais, já que ambos os gêneros serviram como veículos de resistência, denúncia social e fortalecimento de identidades periféricas.

Tal como o Rap, o funk nasce a partir da combinação de ritmos e gêneros musicais diversos, inicialmente inspirado por artistas como James Brown, um dos pioneiros do funk norte- americano, caracterizado pela forte carga de ritmo e uma nova abordagem ao uso de percussões e vocais. Quando chegou ao Brasil, com o tempo, o funk americano foi ressignificado pelas favelas cariocas, onde recebeu uma nova roupagem para que se adaptasse ao cenário local, o que resultou nos bailes funk como conhecemos hoje, como explica o Dj Marlboro:

Os bailes funk no estilo atual surgiram no início dos anos 80, com a explosão do Miami Bass no Brasil. “Esse som fez sucesso aqui antes de estourar nos Estados Unidos”, diz o DJ Marlboro, um dos principais nomes do ritmo e autor do livro “Funk no Brasil”. Ele explica que o Miami Bass tem entre 127 e 132 bpm (batidas por minuto) e uma sonoridade grave (daí o “bass”, grave em inglês). “O funk tocado no Brasil é esse, diferente daquele que era feito por James 61 Brown e outros artistas nos anos 60. É totalmente

eletrônico, com bateria eletrônica e sampler de vozes.”
(PINHEIRO; MENA, 2001)

Portanto, foi nos bailes de favela que o Funk começou a tomar sua própria forma, com batidas marcantes que convidam à dança. Utilizando da técnica antes vista no Hip Hop e no Rap, o Funk agrega a figura do MC e da mixagem de canções à sua criação, cada vez mais se distanciando das referências estadunidenses e formulando sua estética única.

A consolidação do Funk carioca como uma expressão autêntica das favelas e periferias se deu nos anos 1990, quando passou a abordar temas como pobreza, falta de oportunidade, desigualdade social e violência. Contudo, se engana quem pensa que o mesmo se limitava a denunciar uma realidade sofrida, pois era através da música que os artistas e moradores celebravam a vida e as festas nas comunidades. Diferentemente do Rap, que era tipificado por adotar um tom mais crítico e reflexivo em suas rimas, o Funk apresenta uma abordagem mais direta e irreverente. Ou seja, uma linguagem ainda mais acessível e popular, sempre acompanhada de uma batida intensa e envolvente, fazendo com que conquistasse um espaço importante no cenário musical brasileiro.

Ainda nesta época, com os bailes lotados ou “pancadão” como era comumente conhecido, a popularidade do funk cresceu, entretanto, enfrentava constantemente preconceitos e estigmas por desafiar a moral da sociedade conservadora. A classe média alta carioca associava os bailes ao tráfico de drogas e à desordem, resultando em uma criminalização do ritmo, visão impulsionada pela mídia, atribuindo ao Funk um estigma de expressão marginal. Esta não foi a primeira associação estereotipada atribuída às expressões artísticas criadas pela população negra e favelada, o samba, que também nasceu nos morros, desde sua ascensão, era entendida como música de bandido e baderneiro. Nesse contexto, tal pensamento “foi usado para reprimir manifestações como as rodas de samba e festas de candomblé. Surge aí o estereótipo do malandro, ligado à esperteza, mas também 'sinônimo de vagabundagem, vadiagem, vida marginal'” (Lopes & Simas, 2016). A pressão das classes mais elitistas foi tanta que leis que buscavam controlar os bailes foram aprovadas, exigindo autorização policial para a realização dos eventos. Porém, a presença de policiais nos bailes não garantia a segurança dos frequentadores, pelo contrário, o que frequentemente mascarava uma repressão seletiva e discriminatória, uma vez que existia um sistema informal de “regulação”, o que permitia que os bailes ocorressem em troca de favores e colaboração entre policiais e organizações locais. Apesar de todos os empecilhos, o Funk seguiu evoluindo, adaptando-se e criando novos estilos que, mais tarde, ampliaram sua influência na cultura

popular brasileira, mantendo viva sua função de expressão e celebração da identidade periférica. Em suma, o Funk em sua essência:

É som de preto
De favelado
Mas Quando Toca Ninguém Fica Parado
(AMILCKA E CHOCOLATE, 1999)

Diante disso, com o passar das décadas, o Funk brasileiro foi absorvendo novas influências e transformou-se para o que conhecemos hoje, um gênero diversificado, com seus próprios subgêneros. Na cena carioca, a vertente emblemática que tomou conta dos bailes foi o Funk “Proibidão”, o qual possui forte apelo sexual e trata de temas polêmicos como criminalidade e violência, assuntos experienciados de perto por aqueles que estão à margem da sociedade.

Por outro lado, em São Paulo, mais especificamente na Baixada Santista, surge o Funk ostentação em meados de 1995, apoiando-se no conceito de “sucessagem” – sucesso e sacanagem, além de refletir o desejo de ascensão social. A premissa é a valorização de bens materiais e conquistas pessoais como uma forma de resistência à pobreza e de reivindicação de visibilidade para a população periférica. Uma das principais responsáveis por contar essa história foi a produtora Kondzilla (a maior no ramo de Funk ostentação na atualidade) em seu documentário *“Funk Ostentação, o filme”*. Segundo o Mc Boy do Charme, primeiro a fazer um videoclipe com essa estética “o mundo da ostentação fala do bem... fala do que um trabalhador, um pai de família sonha em ter para colocar o seu filho dentro de um carro... qualquer marca que seja... a melhor condição para a sua família, a melhor casa, apartamento... para o seu filho” (entrevista cedida ao documentário Funk ostentação, o filme).

O Funk Ostentação chegou à capital paulista através de artistas como a dupla Backdi e Bio G3, sendo este último responsável pela primeira música de funk ostentação da capital, intitulada *“O Bonde da Juju”*. O Mc, ao conhecer o movimento na Baixada Santista em 2005, percebeu o potencial de adaptação do estilo para o contexto paulistano, promovendo uma fusão de rap e funk que dialogava com o estilo de vida urbano de São Paulo. Por ser um centro econômico e cultural importante no Brasil, São Paulo rapidamente se tornou uma referência, onde o estilo prosperou e se expandiu para o resto do país. Dessa forma, a produção de vídeos, liderada por nomes como Konrad Dantas, da KondZilla, desempenhou um papel essencial nessa expansão. Além da música, a estética visual do movimento ganhou vida através de produções de qualidade, possibilitando assim o alcance de milhões de visualizações no canal do Youtube da produtora, corroborando para a

popularização da imagem atrelada ao luxo e ao sucesso material. Ademais, a introdução do funk na periferia paulistana, até então dominada pelo Rap, criou um espaço cultural onde ambos os gêneros se complementam, como destacado pelo grupo de rap Pollo, refletindo a crescente aceitação e união entre estilos que, antes, ocupavam espaços distintos. Podemos citar figuras essenciais na solidificação desta subvertente do Funk nos anos 2000 e 2010, como o Mc Daleste, Mc Lon e Mc Guime. Este último, em uma de suas músicas mais famosas, “*Plaque de 100*” trata o que de fato é a ostentação presente na música e mais ainda, a ânsia por este estilo de vida:

Contando os plaque de 100, dentro de um Citroën
Ai nós convidamos, porque sabe que elas vêm
De transporte nós tá bem, de Hornet ou 1100
Kawasaki, tem Bandit, RR tem também, RR tem também
Ô vem neném
A noite chegou, e nós partiu pro Baile funk
E como de costume, toca a nave no rasante
De Sonata, de Azera, as mais gata sempre pira
Com os brilho das joias no corpo de longe elas mira
Da até piripaque do Chaves onde nós por perto passa
nde tem fervor tem nós, onde tem fogo há fumaça
(PLAQUE DE 100, MC GUIME, 2012)

Nesse sentido, a ascensão do Funk Ostentação também ampliou o debate sobre a diversidade cultural brasileira, questionando os padrões de consumo e as desigualdades econômicas que permeiam a sociedade. Não obstante, o Funk Ostentação não está isento às críticas; muitos consideram que sua abordagem materialista pode reforçar valores de consumo desenfreado, além de reforçar o ingresso dos jovens no mundo do crime, já que se trata de um caminho facilitador de alcançar grandes quantias de dinheiro. Ainda assim, o gênero continua a crescer, tanto na popularidade quanto na sua complexidade, ao incorporar diversas influências e representar as múltiplas facetas da juventude brasileira. Nos dias atuais, o Funk não é só parte da identidade cultural do país, mas também responsável por levar parte da cultura brasileira para o mundo, como visto recentemente, com a nomeação para o Grammy da cantora Anitta, grande nome do gênero.

3.3 House Music: A Influência Afrodescendente e o Papel dos Clubes Underground

A House Music, um subgênero da música eletrônica, ao contrário do que se imagina e assim como o Hip Hop, tem origem afro-americana e surgiu na cidade de Chicago no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Criada para ser uma resposta direta à marginalização

que muitos DJs e frequentadores negros e latinos enfrentavam nos clubes de música disco, tinham como cenários clubes underground, como o famoso *Warehouse* (que deu origem ao nome "House Music") e o *Paradise Garage* em Nova York. Sua criação está entrelaçada à Disco Music dos anos 1970, que, apesar de enorme popularidade, sofreu repressão durante eventos como a "*Disco Demolition Night*" em 1979. Tal evento foi liderado por Steve Dahl, um radialista com motivações racistas e homofóbicas, culminando em uma revolta pública contra a Disco, reduzindo significativamente a popularidade do gênero musical.

Dessa forma, a solução encontrada foi levar o disco cada vez mais para os porões na intenção de trazer mais proteção às comunidades que frequentavam as festas. Sua história foi marcada pela presença de DJs negros e LGBTQ+, como Frankie Knuckles, Larry Levan e Ron Hardy, que buscavam inovar e criar espaços de liberdade para seus gupos. Conhecido como o "padrinho/pai da House Music", Frankie Knuckles, começou a experimentar com batidas eletrônicas em equipamentos como a drum machine Roland TR-909 e o sintetizador Roland TB-303, criando um som contínuo e hipnótico. Sem perder as raízes da Disco, a House Music inovou ao trazer elementos rítmicos únicos, transformando-a em símbolo de inclusão e resistência.

Dadas as circunstâncias, a House Music logo se popularizou entre as comunidades negras e latinas, trazendo referências da música soul e gospel, porém com uma nova estética. Os primeiros sons de House eram recheados de amostras de voz, o que permitia aos DJs criar narrativas e mensagens de pertencimento em meio à dança, criando ainda mais conexão com as tradições afrodescendentes, intensificando a ligação cultural de quem a criava e a consumia, como visto no documentário "*I Was There When House Took Over the World*" de 2017. Nele encontramos as importantes figuras mencionadas anteriormente que contam através de depoimentos o processo de criação e a motivação por trás do som.

Dessa forma, à medida que o gênero se desenvolvia, a House começou a viajar para além dos limites de Chicago, chegando a Nova York e, logo depois, à Europa. Já na década de 1980, ela se consolidou como um dos pilares da cena eletrônica global, exercendo profundo impacto no desenvolvimento de outros gêneros musicais, como por exemplo, o Techno, vertente da música eletrônica que surgiu em Detroit, Estados Unidos.

Portanto, apesar de seu status global e de ser associada a públicos elitizados, a House Music nasceu como forma de resistência ao boicote sofrida por grupos negros e latinos. Com o passar do tempo, o gênero alcançou novos públicos, influenciando a cena eletrônica mundial. Diante disso, veremos a seguir a relação entre o Funk e a House, destacando como o

Deekapz contribui para a transformação dos bailes periféricos misturando-os e criando um estilo singular

4 POPULARIZAÇÃO DOS BAILES E O PAPEL DE DEEKAPZ

No decorrer deste trabalho, examinamos o movimento Hip Hop enquanto expressão cultural periférica, explorando sua evolução e impacto social, incluindo subgêneros como o Funk e o Rap. Agora, analisaremos como a dupla Deekapz, ao combinar gêneros musicais como Funk, Soul, House Music, Hip Hop e outros, criando uma fusão inovadora, que contribui para a transformação dos bailes contemporâneos e amplia seu alcance para além das periferias.

Essa transformação é um reflexo de uma nova esfera pública digital, onde a música e as redes sociais conectam as vozes periféricas ao mainstream, permitindo que artistas, principalmente pretos e periféricos, possam disseminar seu trabalho sem depender das grandes produtoras. A fim de aprofundar essa análise, serão apresentados trechos de uma entrevista realizada com o duo, que oferece uma visão autêntica sobre sua atuação nos bailes, a influência das redes sociais e suas estratégias de construção de identidade cultural serão distribuídas na dissertação dos próximos tópicos. Dessa forma, a entrevista complementa a análise teórica e destaca o papel do Deekapz como agente da cultura periférica. Além da entrevista exclusiva concedida pela dupla para este projeto, também serão utilizadas outras entrevistas concedidas anteriormente a outros canais, com o intuito de endossar pontos da trajetória dos artistas.

O método de pesquisa utilizado na entrevista foi de auditoria de opinião com entrevistas em profundidade. Este modelo permite que os entrevistadores explorem comportamentos, atitudes e percepções dos entrevistados. A entrevista ocorreu no dia 6 de novembro de 2024, de forma online, via Microsoft Teams e pode ser encontrada na íntegra no apêndice deste trabalho. Além disso, foi conduzido com base em um roteiro, uma das três possibilidades da pesquisa de profundidade.

A entrevista em profundidade pode ser definida a partir de três modalidades: a entrevista conversacional livre, caracterizada pelo surgimento de perguntas na medida em que a conversa acontece; a entrevista baseada em roteiro, dando ao entrevistador a flexibilidade de formular perguntas a partir de assuntos-chave previamente ordenados; e a entrevista padronizada aberta, caracterizada pelo emprego de perguntas estruturadas e previamente formuladas, gerando respostas abertas dos entrevistados. (LOPES e PENAFIERI, 2017, p. 77)

4.1 A História e Fusão Musical do Deekapz: Entre Funk e a House Music



Fonte: Acervo da dupla

Estudo de caso deste trabalho, a dupla de produtores musicais e DJs Deekapz, composta por Paulo e Matheus, vem conquistando a noite paulistana e se tornando referência quando o assunto é originalidade e irreverência. O duo que nasceu e iniciou sua trajetória no interior de São Paulo, completou 10 anos de carreira em 2024. Embora esteja na casa dos 20 e poucos anos, ostentam um amplo currículo com importantes co-participações. Apesar de explorarem diversos gêneros musicais, a dupla é conhecida pela fusão da House Music global com os *beats*³ de funk brasileiro. Ao longo de sua história, o Deekapz, que já foi chamado de Trashplayers, Dropkillers e DKVPZ, conquistou reputação nacional com sua presença em grandes festivais de música, como Coala, Lollapalooza, Afropunk, Primavera Sound, Turá e The Town. Contudo, seu sucesso não se limitou ao Brasil, pois realizaram quatro turnês pela Europa, assinando produções com nomes como Kojey Radical, Axwell Ingrosso, Jael e Sango. No cenário nacional, a lista de parcerias é ainda mais extensa, produzindo faixas com Baco Exu do Blues, BK', Kevin o Chris, Pablllo Vittar, Criolo, Tropkillaz, Arnaldo Antunes,

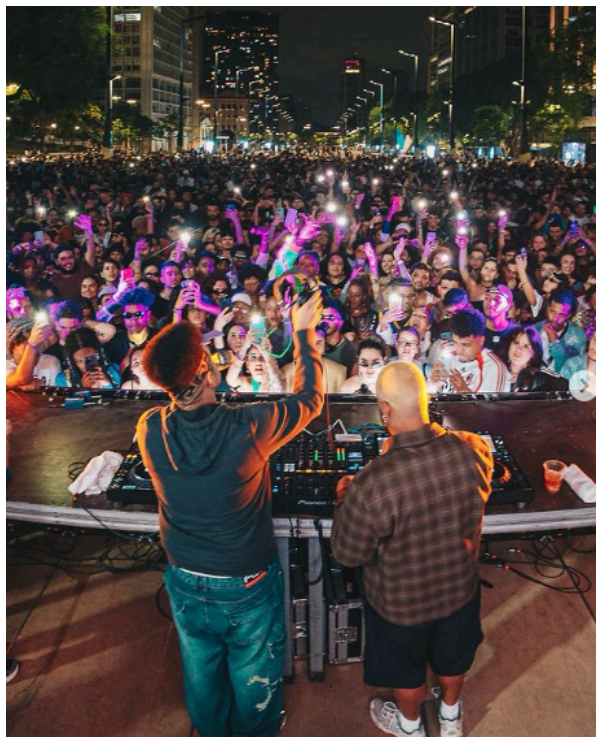
³ Música Tempo forte do compasso, força motriz característica do jazz, do rock e da música pop.

Rubel, entre outros. Isso demonstra as características do trabalho de Paulo e Matheus, que transitam e experimentam diversos estilos musicais. Em uma entrevista concedida para o site *Rapresentando*, Paulo descreve o sentimento de trabalhar com grandes nomes:

Temos que dar menção honrosa também ao trabalho que fizemos com o Baco (Exu do Blues), porque a gente conseguiu conquistar muita coisa ali... até no quesito de premiação. Ver que a nossa sonoridade atingiu públicos a ponto de receber prêmios é algo que estimula e motiva. A troca e o processo são importantíssimos. Tem o lance do fanatismo que a galera curte e admira, mas acima de tudo somos pessoas. Sentar no estúdio com o BK, com o Baco, Criolo, Ganja, Mafalda, VHOOR... estar presente nessa troca é uma parada muito boa, porque toda vez que vou eu aprendo alguma coisa. Todo mundo pensa diferente... é o mesmo programa que a gente usa, e por incrível que pareça a gente sempre sai com um aprendizado novo. E é muito bom. (DEEKAPZ, PAULO, 2021)

Entretanto, o duo não se limita em assinar produções com outros artistas, uma vez que possuem suas próprias faixas e Eps, como por exemplo, *Super House (2023)*, *Super Funk (2021)*, *Ensaio sobre Você (2021)*, *Jewel Gems (2021)* e *Voragem (2021)*. Outra faceta do Deekapz é o desejo de tornar a música eletrônica, ainda tão elitizada, mais acessível no país e foi a partir dessa vontade que um dos projetos mais famosos da dupla foi criado: o Baile da 0800 - uma festa na rua do centro de São Paulo e de graça. O baile consiste em convidar outros DJs e produtores para tocarem além da dupla, e em suas edições contou com nomes como DJ Blackat, DJ Caio Prince, DJ Cleiton Rasta, Dj Sophia e Jyoty. Em relato fornecido para este trabalho, ao serem questionados sobre a ideia de criar o baile, João, co-empresário da equipe, conta:

Era pós Carnaval, era meu aniversário, a gente meio juntou todas as vontades ali, juntou um monte de amigo que queria tocar também. E aí foi muito doido, porque era a primeira vez, a gente estava meio receoso, enfim, não tinha dinheiro para fazer nada, né? Então a gente pediu contribuição para o pessoal e o pessoal contribuiu. Durante a festa, a gente espalhou QR Code do Pix pela pelo Anhangabaú e a galera foi mandando 5, 10, 20 reais, quando a festa acabou a gente botou no stories e teve um fã que mandou tipo assim, 900 reais e era o que faltava para pagar a festa. E aí foi de arrepiar...a gente falou “pô, cara, o que a gente está fazendo é muito, é muito massa assim”. (JOÃO, 2024)



Fonte: Baile 0800 comemoração dos 10 anos por Marcus David, retirada do Instagram da dupla

Durante a conversa, mencionaram ainda que o fã responsável por dar o maior valor nem compareceu ao evento, ele apenas viu online e decidiu ajudar o projeto. Isto posto, é possível entender como a festa foi recebida pelo público e a comoção gerada, nota-se o senso de comunidade que é tão característico desde o surgimento dos bailes, ou seja, algo feito pela comunidade como forma de lazer e expressão para a própria comunidade. Todavia, a 0800 não é o único projeto da dupla, existe também a Deekapz Experience, festa com duas edições até o momento, com um formato totalmente diferente, trata-se de uma experiência audiovisual de 4 horas dividida em 4 atos, com outros Djs e até mesmo Mcs compondo a lineup. Sobre ideia da Experience e seu funcionamento, João e Paulo esclarecem:

A Experience surgiu por demanda. A gente estava com a oportunidade de fazer uma festa no Cineclube Cortina, aqui no centro e a gente não sabia muito bem o que a gente queria fazer. Essas coisas vão surgindo muito, sei lá, cada um pinga um pouco de ideia. Quando a gente vê, tem uma coisa que é inédita que a gente quer levar pro público. A Experience é uma festa do Deekapz em 4 atos. Porque o primeiro ato são eles, tocando as influências e agora, na última edição, foi a primeira vez que tocaram as influências deles em vinil, foi super especial. E aí, depois o Paulo e Matheus na mesma festa, tocando separados [...] a gente sempre prepara alguma coisa especial. (JOÃO, 2024)

Eu acho que o que torna especial é justamente esse formato da Experience em si, né? É totalmente diferente da 0800, é onde a gente consegue realmente se dedicar a ter uma experiência do Deekapz. A gente se prepara, tanto para material nosso quanto para o material dos nossos sets autorais e projetos solos. (PAULO, 2024)

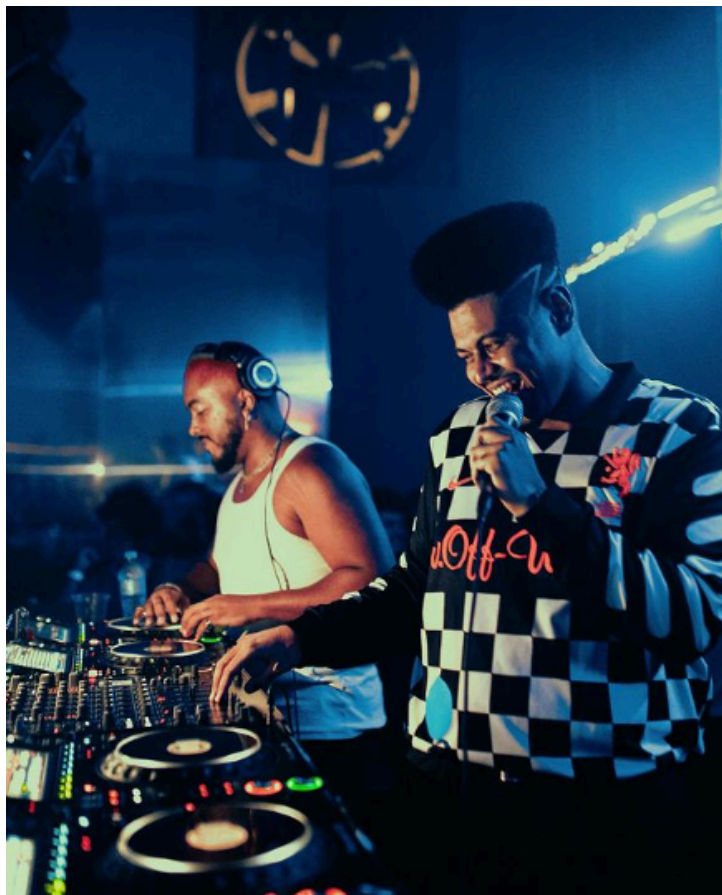
Cabe pontuar que a Deekapz Experience é um evento em um clube privado, com ingressos pagos, logo, existe uma diferença entre os públicos frequentadores dos dois bailes, fato que também é captado pela dupla e a produção:

É notável a diferença, né? Porque uma festa de rua é uma festa de rua, senhoras e senhores! Então assim, acaba pegando o pessoal de surpresa, acaba pegando o pessoal que está em movimento, que vê o movimento e acaba entrando ali. Até mesmo a forma que a gente conduz, a divulgação das festas são diferentes, as propostas visuais têm uma correlação porque é nosso, é a nossa marca Deekapz, mas sempre ali mudando, distinguindo as coisas, porque justamente o público da 0800 é outro público (...) muito mais abrangente. (PAULO, 2024).

A Experience não vou dizer que é mais comportado, a galera gosta de festejar, mas é mais contida. Na 0800 é o pessoal subindo no poste, acendendo o sinalizador. Felizmente, dentro da casa não dá para acender sinalizador e não tem poste dentro para subir, senão, talvez aconteceria algo parecido (MATHEUS, 2024).

A 0800 visa democratizar essa cultura clube. A Experience acaba sendo uma festa da cultura clube, que realmente tem que pagar um ingresso pra tá lá, tipo, tem que se dispor a estar de madrugada no centro. Acaba sendo um filtro socioeconômico inevitável para a gente conseguir viabilizar a festa. É um processo de reconhecer isso, mas também é entender que se não faz isso, aí não tem festa. Aí a gente não pode promover as coisas que a gente quer promover. Tipo, é inevitável, então são quase que 2 projetos que se equilibram, né? A Experience existe para a 0800 existir também e vice-versa. Assim, elas se justificam entre si. (JOÃO, 2024)

Os trechos acima ressaltam a perspectiva de inclusão e democratização, questão-chave para o Deekapz, que, através da 0800, busca levar a experiência do clube para o espaço público de maneira gratuita, permitindo que a cultura da música eletrônica, normalmente restrita a ambientes pagos e elitizados, seja acessível a uma parcela maior da população. Esse compromisso com a inclusão é evidente na estrutura do evento, dado que foi pensado para integrar e divulgar o trabalho, não só da dupla, mas de outros artistas que compõem a programação. Consequentemente, a diferença entre o público da 0800 e da Deekapz Experience reflete a adaptação da dupla para alcançar um equilíbrio entre democratização do acesso de seus sets e a sustentabilidade financeira. Na 0800, o público é mais diverso e espontâneo, composto por pessoas que passam pelo local e se juntam à festa. No entanto, a Deekapz Experience, sendo um evento pago, atrai um público mais específico, disposto a investir para vivenciar o ambiente curado pelo Deekapz em um espaço fechado. Tal contraste evidencia a forma como ambos os projetos se sustentam mutuamente, permitindo que o Deekapz atinja diferentes públicos sem que se distanciem da premissa de acessibilidade cultural.



Fonte: Deekapz Experience por Marcus David, retirada do Instagram da dupla

4.2 A Transformação dos Bailes: Inclusão e Legitimidade Cultural

Enquanto no tópico anterior foi analisada a história e a fusão musical do Deekapz, aqui o enfoque recai sobre a forma como suas ações ajudaram a mudar a percepção pública dos bailes periféricos. Como discutimos no tópico 3.2, durante décadas, os bailes funk foram frequentemente criminalizados e associados à marginalidade, especialmente por setores da classe média alta, que os consideravam uma ameaça à moral e à ordem social. Entretanto, iniciativas como as da dupla têm sido fundamentais, destacando seu papel como núcleos de resistência cultural, inovação artística e inclusão social. Para a dupla, os bailes desempenham um papel de democratização da cultura periférica brasileira:

Eu sempre tive uma visão que o baile é uma ocasião onde o pessoal vai justamente

festejar, né? Pelo sentido literal, mas a partir do momento que eu comecei a frequentar, eu comecei a tocar também junto com o Matheus, comecei a ter um outro tipo de visão sobre o que que é um baile, né?

Hoje, eu acredito que o baile é mais uma propagação de personalidade, é um espaço onde você consegue ver outras referências, outras pessoas se comportando diferente, vestindo coisas diferentes, consumindo coisas diferentes, sabe?

Então eu acho que o papel do baile, principalmente, além de né, de democratizar esse espaço, porque tem de tudo justamente, né? Falando sobre classes sociais, tem desde a pessoa mais rica, até a pessoa mais pobre, mas tá todo mundo ali naquela frequência. Mas eu acho que o principal papel do baile, ao meu ver, é esse lance de divulgar justamente a personalidade de cada pessoa. Abrir esse espaço, sabe? Para essa troca, sabe? E o nosso papel como DJ justamente disciplinando a pista, né? Mostrando coisas novas e fazendo essa brincadeira (...) Eu acredito muito nisso, sabe, que é um espaço democrático, onde a gente consegue conectar com outras pessoas, conseguem trocar com outras pessoas e a gente sempre sai ganhando. (PAULO, 2024)

Sobre o papel do baile na cultura brasileira hoje, eu acho que tem um papel também de experimentação na questão da moda e musical também. Então, tipo, é um lugar onde tem um palco em que as pessoas podem mostrar o que elas fizeram, dentro da casa delas, no home studio delas, na sala delas, tipo onde dá para trabalhar que geralmente é difícil de encontrar esses palcos, né? Os festivais estão tentando trazer um pouco, mas ainda muito pouco, sabe? Então acho que o papel do baile é algo essencial assim, tipo pra cultura periférica ter esse palco e essa troca também com outras pessoas, essa visão, mesmo, tipo artística, sabe? (MATHEUS, 2024)

Com base nos trechos acima, entende-se que, para Paulo e Matheus, os bailes não são apenas espaços de lazer, mas também núcleos de troca cultural e afirmação identitária. A perspectiva deles, fundamentada tanto na experiência como frequentadores quanto como DJs e produtores, revela a importância do baile como um espaço democrático, em que pessoas de diferentes origens sociais se encontram para compartilhar referências, estilos, expressões artísticas e identidades.

Para Paulo, os bailes desempenham um papel central na propagação de estéticas únicas, funcionando como plataformas de expressão individual e convivência entre públicos diversos. Ele ressalta a inclusão desses espaços, onde frequentadores de diferentes classes sociais compartilham a mesma 'frequência', enquanto o DJ, como mediador, organiza a pista e apresenta novidades que incentivam a troca de experiências.. Já para o Matheus, o baile é um palco essencial para a experimentação artística, oferecendo oportunidades raras em ambientes elitizados, como alguns festivais de música. Em suma, para ele, os bailes são locais em que as criações, muitas vezes realizadas em casa ou em espaços improvisados, se tornam possíveis, finalmente ganhando visibilidade ao encontrar o público.

A interpretação dos bailes pela dupla posiciona esses eventos como espaços de inovação cultural, reforçando sua relevância na cultura brasileira contemporânea. Dessa

forma, ao resgatar sua essência periférica e ao mesmo tempo adaptá-los às dinâmicas atuais, o Deekapz contribui para a legitimação dos bailes como espaços de resistência e celebração cultural, redefinindo sua percepção perante a sociedade. O Baile 0800 exemplifica uma ocupação criativa do espaço público, evoluindo à comunidade um ambiente que vai além do lazer, funcionando também como espaço de troca. Através dessa mudança, a ideia de que os bailes são apenas locais de desordem é desmitificada, posicionando-os como polos culturais legítimos ao integrar novos elementos sonoros e estéticos como a House Music. Dessa maneira, o Deekapz expande a visão do que pode ser um baile periférico, aproximando os diversos públicos.

Em contrapartida, é importante ressaltar que o processo de revalorização dos bailes também se dá pela interação direta com outras formas de arte e pela profissionalização crescente desses eventos. Ou seja, elementos como a curadoria musical, as colaborações com outros artistas e a introdução de narrativas mais complexas na organização dos bailes refletem uma maturidade que desafia os estereótipos que atravessaram gerações, mostrando que os bailes são muito mais do que a mídia e a opinião popular tentavam resumir. Logo, o Deekapz não apenas contribui para a transformação dos bailes no imaginário popular, mas também amplia sua relevância na esfera cultural e na reconfiguração da esfera pública digital e física.

4.3 Deekapz em Festivais: Conectando a Cultura Periférica ao Mainstream

Dado ao tamanho sucesso da dupla, eles frequentemente estão na lineup de grandes festivais de músicas nacionais, como Lollapalooza, Primavera Sound, The Town, Afropunk, Coala, entre outros. Contudo, este ainda é um espaço bastante elitizado, seja pelo alto valor dos ingressos ou da experiência como um todo, incluindo alimentação e transporte. Isto posto, a presença do Deekapz nestes eventos exemplifica como a dupla atua como uma ponte entre a cultura de periferia e os grandes palcos do mainstream, rompendo barreiras ao trazer uma mistura única entre gêneros como o funk, black music e house music. O impacto dessa participação vai além das performances, já que Paulo e Matheus apresentam uma perspectiva autêntica da cultura brasileira contemporânea, ampliando o alcance de artistas e estilos que nasceram em ambientes muitas vezes marginalizados. Segundo os próprios DJs, estar nesses palcos ao lado de nomes populares, não é apenas uma oportunidade de crescimento artístico, mas também uma forma de mostrar que a periferia tem voz ativa e deve ser entendida como protagonista. Quando questionados sobre a experiência de tocar em grandes festivais, a dupla responde:

De 2021 pra cá a gente teve a oportunidade de tocar em vários festivais grandes aqui no Brasil, né? E é gratificante para caramba e tipo, é um processo que demandou muito da nossa construção também. Tanto como artistas e também como equipe. Então, esse lance de ter mais pessoas trabalhando junto com a gente, tipo, fez o projeto se tornar algo com uma entrega bem mais bonita, sabe? Tipo o visual, a história que a gente conta por trás, então é o que a gente conversa geralmente com todo mundo da equipe. Eu acho que isso ajuda a trazer a nossa visão para o palco, como tinha dito lá em relação também ao encontro das gerações, então isso acaba também gerando esse link da visão do do baile, mas um pouco mais mastigado, sabe? Às vezes é necessário também causar um pouco de estranheza, mas tipo, nem 100%, né? Para que todo mundo possa entender. Agora os festivais estão entendendo um pouco mais, é como eu disse, ainda é muito pouco o número de artistas pretos dentro dos festivais, artistas periféricos, principalmente pessoal do funk, tipo, agora está surgindo, mas eu acho ainda pouco. Mas é importante ter esses artistas dentro dos festivais para justamente também trazer um público que o festival talvez não alcance com esses artistas mais tradicionais, sabe, então, acho que é um espaço que deveria ser mais democrático fica mais elitizado e não deveria, porque justamente é algo cultural e deveria ser para todos (MATHEUS, 2024)

Quando eu era mais novo, a gente olhava para esses festivais, para esse circuito e, sendo bem sincero, eu só queria encontrar uma pessoa parecida comigo. Essa é a realidade! Eu só queria encontrar uma pessoa e a gente até encontrou, mas são casos tão raros. Tem, tipo, é engraçado falar porque estava tocando na Tomorrowland e a gente viu uma dupla que a gente via lá atrás, que são 2 pretos, que é o Sunnery James e Ryan Marciano e os caras tocando na Tomorrowland do Brasil e a gente conseguindo ver esse bagulho, tipo, é muito raro ainda, é isso que o Mateus falou, sabe? A gente tá nessa Batalha e acredito que a gente só tem esse esse pouco espaço porque os caras estão vendo que isso vende, essa é a realidade. O nosso lifestyle vende, o nosso som vende, entende? É, e aí eu acredito que eles estão abrindo a mão,

mas ainda está numa batalha ainda pra gente justamente ter um espaço mais democrático, onde a gente consiga ser inspiração também. Então quando você fala na pergunta, como que vocês acham que os bailes ajudam as pessoas periféricas a serem ouvidas e respeitadas é sobre isso que eu estou querendo dizer quando eu tô no palco, no Lollapalooza, no The Town, eu quero que o aquela pessoa, aquela pessoa que parece comigo, se é que você me entende, olha e fala assim “pô, mano, é possível, tá ligado, os moleques tá lá, os muleque tá lá, tá ligado? Tipo, é possível, acaba tendo essa identidade, essa identificação está ligada a gente. A gente compactua, tá ligado? Então eu acho que é mais ou menos por aí (PAULO, 2024)

A partir dos depoimentos acima, para o Deekapz, tocar em grandes festivais como Lollapalooza e The Town é uma oportunidade não apenas de crescimento artístico, mas também de representar a periferia e abrir caminhos para uma maior inclusão nesses espaços elitizados. Segundo Matheus, esses eventos ainda são marcados por uma baixa presença de artistas pretos e periféricos, refletindo uma necessidade de expandir a lista de artistas diversos, por isso, ao subirem ao palco, a dupla busca trazer visibilidade para a pluralidade cultural do Brasil, mostrando que a música periférica é rica e tem lugar legítimo nesses ambientes. Já o Paulo destaca a importância de criar identificação no público e estar nesses festivais inspira jovens negros e periféricos a acreditarem que também podem ocupar esses lugares, criando uma conexão com o público que vê na dupla um reflexo de suas próprias vivências. Além disso, Matheus aponta que o lifestyle e a sonoridade do Deekapz atraem novas pessoas para os festivais, contribuindo para tornar esses eventos cada vez mais múltiplos.

Apesar das conquistas, a trajetória do Deekapz em grandes festivais não esteve isenta de desafios. Conforme aponta João, co-empresário da dupla, um dos principais obstáculos está relacionado à forma como projetos de DJs são percebidos nesses eventos. Em alguns festivais, a dupla foi posicionada como uma atração secundária, em horários menos prestigiados ou com infraestrutura técnica limitada. Essa dinâmica não apenas reflete preconceito contra o formato artístico, mas também demonstra uma visão limitada sobre a capacidade dos DJs como criadores de música autoral e inovadora.

Se se dá pra falar de algum tipo de discriminação que o Deekapz sofre dentro dos festivais de música brasileira ou em alguns contextos assim, de público mais abrangente, é muito mais como é a entrega do projeto como Djs no palco do que muitas vezes como artistas, né? Eles, assim como às vezes até alguns atos de rap nesses festivais que você citou, são colocados em slots menores, com capacidade técnica incompleta, muitas vezes, do que o festival tem para oferecer para as bandas e para os artistas que não são djs, né? Para além de discriminação, de raça ou de gênero musical, especificamente assim é um pouco dessa discriminação do formato artístico do projeto, que no caso de um Lollapalooza, eles foram alocados num palco de música eletrônica onde eles estavam em pé de igualdade com os artistas que

compartilharam o palco com eles. Da mesma forma, no The Town era um palco de música eletrônica, então a gente também estava em pé de igualdade com todos os artistas de música eletrônica no palco do The Town. É, mas realmente o Turá, o Coala, uma série de outros festivais com os meninos já participaram, colocam eles nesse espaço do DJ, que acaba virando uma atração do do break da galera, né? Entre uma banda e outra, tem um dej que toca, não é para chamar tanta atenção, não é o momento da galera gastar tanta energia. Então, às vezes até o som é mais baixo, às vezes você não pode usar todo todo o equipamento de luz ou LED que o palco tem para oferecer, tem uma série de coisas ali que e aí entra muito nosso trabalho de produção, que é de obrigar e bater o pé e falar tipo “olha, o Deekapz é um projeto de artistas, ele não é um projeto de DJ que vai ficar tocando um monte de música que já existe por aí”. Os meninos estão vindo para tocar música autoral, estão vindo para tocar coisas inéditas. É, então tem um pouco dessa batalha que a gente que a gente tem sempre nesse cenário, sim. (JOÃO, 2024)

João ressalta que, enquanto em festivais como Lollapalooza e The Town o Deekapz teve condições iguais aos demais artistas no palco de música eletrônica, em outros eventos, como Turá e Coala, os DJs foram relegados a momentos de transição, com menos destaque e impacto. Tal situação mostra a constante batalha da equipe para afirmar o duo como artistas completos, que não apenas reproduzem músicas já existentes e conhecidas pela massa, mas apresentam trabalhos autorais e inéditos.

Em resumo, essa discussão reforça a importância da luta por um espaço mais equitativo nos festivais, onde diferentes formas de expressão artística sejam valorizadas em pé de igualdade. Para o Deekapz, cada apresentação vai além da performance musical; ela se torna um ato de reafirmação cultural e artística, demonstrando que a música periférica e os projetos autorais de DJs desempenham um papel essencial na transformação do cenário mainstream.

4.4 Redes Sociais e Estética: A Construção da Identidade Cultural do Deekapz

É inegável que, no mundo contemporâneo, as redes sociais e plataformas digitais têm conquistado cada vez mais espaço, seja na divulgação de marcas, artistas, criadores de conteúdo ou eventos. Tais plataformas alteram o modo que os seres humanos se relacionam e expressam suas opiniões e identidades, o que surte impacto direto na esfera pública contemporânea, já que a mesma se torna cada vez mais diversa e por isso, mais fragmentada. Com os bailes o efeito não é diferente, uma vez que as redes sociais se tornam grandes aliadas para ampliar o alcance para os públicos e artistas como o Deekapz também utilizam dessas ferramentas como forma de aproximação com seus seguidores e fãs, bem como para difundir o seu trabalho para fora de sua bolha. Se nos festivais o desafio está em conquistar espaço e

reconhecimento, nas redes sociais, a dupla encontra um meio de reafirmar sua estética única que transpassa a música e alcança a moda e a linguagem, resultando em uma estética singular. Dessa forma, plataformas como Instagram, TikTok, Youtube, Soundcloud e o próprio site da dupla são mais do que instrumentos de divulgação; elas servem como vitrines de um universo visual e sonoro que dialoga tanto com as periferias quanto com o mainstream. As redes reforçam a autenticidade do duo, permitindo-lhes moldar uma narrativa que conecta suas raízes periféricas à sua crescente influência global.

4.4.1 A Estética Visual nas Redes

Não tem como pegar o nosso som e rotular. Isso é o que as gravadoras querem, e normalmente fazem. É uma parada realmente para questionar também... tanto para as pessoas se surpreenderem com a sonoridade quanto pelas possibilidades, porque é uma quebra de tabu. (DEEKAPZ, 2021)

Assim como em sua música, as redes sociais do Deekapz apresentam um visual cuidadosamente trabalhado, onde elementos da cultura urbana, referências da cultura periférica e inspirações globais se fundem ocasionando uma estética especial e bastante característica da dupla. As publicações incluem vídeos de performances, teasers de produções autorais, divulgação de EPs, eventos como a 0800 e a Experience, campanhas publicitárias e fotos que capturam a energia de suas apresentações. Cada detalhe reforça o posicionamento do duo como artistas multifacetados, capazes de transitar entre diferentes contextos sem perder sua essência.



Fonte: Divulgação dos eventos retirada do Instagram da dupla

Por meio de stories, reels e interações diretas com os seguidores, Paulo e Matheus estreitam a relação com o público. As redes tornam-se espaços de troca, onde os fãs têm acesso aos bastidores de eventos, detalhes sobre o processo criativo e interações pessoais. Essa dinâmica aproxima o duo de seu público, criando uma relação de confiança e pertencimento que transcende as barreiras do digital. Segundo Paulo, eles conseguiram encontrar, enquanto time, uma maneira de expressar a identidade da dupla nas redes sociais:

Eu acredito que a gente conseguiu encontrar juntos uma forma descolada, assim, digamos de se comunicar com o nosso público, entende? Não só pelo nosso Instagram, mas até mesmo pelo nosso site, o nosso visual. Eu acho que tudo isso foi muito bem pensado, né? A gente como um todo, como um time, mas o João tá na frente dessas paradas. Mas a gente sempre teve esse cuidado com a comunicação (...) Eu acredito que a gente conseguiu chegar numa num caminho onde a gente não deixa de ser agente e também apresenta uma coisa, é esteticamente muito ****, né? (PAULO, 2024)

Portanto, podemos inferir que as redes sociais são importantes aliadas para criadores de conteúdos e artistas que divulgam seu trabalho online. Na perspectiva do co-empresário da dupla, os meninos estão no ponto de intersecção entre serem entendidos como artistas e influencers já que também protagonizam campanhas publicitárias e collabs com outras marcas, sem que a música esteja em foco.

Com certeza a rede social foi um dos fatores que fez o Deekapz furar as bolhas. Tipo, é esses vídeos viralizados e essas campanhas que a gente faz que é isso. Às vezes, seu algoritmo ajuda, a gente alcança, tipo, essas coisas dão um resultado muito impressionante. Acho que dos bailes, às vezes, o algoritmo joga contra a música. [...] Os meninos são artistas e tem a divulgação do trabalho musical e cada vez mais eles também são vistos como influenciadores, como modelos por algumas marcas. (JOÃO, 2024)

VOCE ESTA DILINDO
DEEKAPZ

o duo de produtores do interior de São
 ca combinar influências da música
 al com beats de funk brasileiros.

festivais, Afropunk,
 ca, The Town, Coala e
 grandes eventos onde
 em de um público fiel
 embarcou, em 2023,
 opa, totalizando 9
 D shows pelo

Chegando no décimo ano de carreira, a bagagem
 musical e a técnica afiada trazem aos palcos os
 beats autorais e os mixes marcantes que
 reverberam em um público cada vez maior, com
 gostos e referências diferentes, mas que
 encontram na apresentação da dupla a harmonia
 entre os hits do mainstream e o que há de mais
 latente na cena underground.

As contribuições com artistas nacionais abrangem
 várias interpretações do que é a identidade musical
 brasileira. Deekapz já assinou faixas com BK, Kevin
 o Chris, Pablo Vittar, Criolo, Tropkillaz, Arnaldo
 Antunes, Rubel, entre outros. Nos estúdios
 internacionais, Deekapz assinou produções com
 nomes como Sango, Kojey Radical, Jael e Axwell
 Ingrosso.

Hoje, o duo se movem
 eletrônica mais acessi
 surgiu a Deekapz-080
 promovida pelo Deek
 São Paulo, carregada
 todo o país.

No Brasil e no mundo, **Deekapz** já é s
 uma identidade única de som e pista d
 nos sets como nas produções.

CONTRATE JÁ: BOOKING@DEEKAPZ.COM

Antidoto Virtual.mp4

Homegrown.mp4

Presskit

Fonte: Homepage do site oficial do Deekapz

Alguns dos exemplos de campanhas em que a dupla esteve em frente às câmeras como modelos foram para as marcas Fatz e Levis. A primeira se trata de uma hamburgueria paulistana que tem uma estética visual e linguagem muito próxima do Deekapz e consistiu na criação de um hambúrguer exclusivo para o duo. Já na campanha da Levis, marca de moda internacional, os bastidores dos sets dos meninos eram mostrados e eles vestiam peças da marca, criando uma narrativa da união da moda e da música.



Fonte: Campanha em parceria com a hamburgueria Fatz retirada do Instagram da dupla



Fonte: Campanha em parceria com a marca Levis retirada do Instagram da dupla

4.4.2 Moda e Expressão Cultural

As roupas são uma parte vital da construção social do eu. A identidade não é apenas fornecida por uma tradição, é também algo que temos de escolher em virtude do fato de sermos consumidores. A moda não diz respeito apenas à diferenciação de classes, como afirmaram análises sociológicas clássicas de Veblen a Bourdieu, mas está relacionada à expressão de nossa individualidade. O vestuário é parte do indivíduo, não algo externo à identidade pessoal (SVENDSEN, 2012, p. 20).

A moda é um movimento, ela mostra quem você é. Ela mostra de onde você veio. Então quanto mais a gente furar a bolha, mais colocamos gente da gente lá e mais a gente deixa de ter uma moda preconceituosa, separatista e eurocêntrica. Mas a gente vai colocando nosso dedo (AJULIACOSTA, 2024)

Da literatura à música, a moda se apresenta como uma forma de externar ao mundo as particularidades que moldam um indivíduo ou grupo. Partindo deste contexto, a relação entre estética e moda é outro aspecto central na construção da identidade do Deekapz, tanto nas redes sociais quanto nos palcos, o seu estilo dialoga diretamente com a cultura de rua e o *streetwear* periférico, ao mesmo tempo que incorporam referências clássicas como a alfaiataria. Essas escolhas reforçam a ideia de que o estilo visual da dupla é uma extensão de sua proposta artística, conectando-os a um público que valoriza não apenas a música, mas também a proteção cultural expressa em sua apresentação, tornando-os representantes autênticos de uma geração que desafia rótulos e padrões.

O estilo visual do Deekapz transcende uma simples escolha de figurinos, sendo parte integrante de sua narrativa artística. A influência do *streetwear* fica evidente em peças como bonés, jaquetas oversized, calças largas e tênis, que remetem à estética urbana e despojada das periferias brasileiras. Além disso, ao longo de sua história, a dupla lançou diversas coleções de produtos próprios como forma de divulgação de seus EPs e suas turnês pela Europa, peças que dialogam e reforçam ainda mais a estética e a influência cultural que a dupla recebe e exerce, sendo considerados ícones de estilo e autenticidade.



Fonte: Divulgação de coleções próprias da dupla e sua relação com a moda. Retirada do Instagram do Deekapz.

Portanto, a relação entre moda, redes sociais e estética visual consolida o Deekapz como um símbolo da cultura periférica contemporânea. Essa abordagem reafirma a importância de integrar as alterações culturais às dinâmicas globais, conectando os tópicos anteriores de democratização dos espaços culturais à construção de uma identidade que

celebra as origens periféricas enquanto fura bolhas e redefine narrativas. Como será explorado no próximo capítulo, essa trajetória também ressoa profundamente com minhas experiências pessoais e reflexões sobre pertencimento e impacto social, fechando um ciclo de análise que conecta música, estética e representatividade.

5 VIVÊNCIAS PESSOAIS E REFLEXÕES: CONEXÕES COM O MOVIMENTO DOS BAILES

Meu primeiro contato com o trabalho do Deekapz aconteceu no ano de 2022, em uma das edições do Baile 0800 promovido pela dupla naquele ano. Após ser impactada por um vídeo no Instagram que mostrava uma das festas promovidas por eles, decidi ir ao próximo evento e este dia marcou o início de uma transformação em minha visão sobre os bailes e a cultura periférica. Até então, apesar de ser filha da periferia e ter sua cultura permeando as diversas fases da minha vivência enquanto mulher parda, minha percepção era limitada, influenciada por estereótipos e narrativas externas. No entanto, a experiência do Baile 0800 desmistificou essas visões, revelando o baile como um espaço de celebração, resistência e conexão com minhas raízes. O evento proporcionou um ambiente cheio de vida e acolhedor, onde pessoas de diferentes origens e estilos se reuniam para celebrar a música e a cultura preta e periférica. Talvez esta tenha sido a primeira vez em que estive em um ambiente com tantos como eu, me sentindo confortável e orgulhosa por ter meu cabelo, por expressar meu estilo e gostos através das minhas roupas. Definitivamente fui arrebatada pela dança, pela música e a moda como expressão de identidade que enchia o lugar. A escolha do espaço público no centro de São Paulo, combinado com a acessibilidade do evento gratuito, refletia a essência democrática e inclusiva do projeto que contava com diversos DJs que transitavam entre House Music, Funk, Hip Hop e R&B. Foi ali que percebi o impacto profundo desses eventos na criação de um senso de comunidade e me encantei com a versatilidade que o Deekapz trazia em seu som, cada mixtape era recheada de referências da minha própria cultura, de tudo aquilo que cresci ouvindo. Portanto, nos anos seguintes, participei das duas edições da Deekapz Experience, que ofereceram uma proposta diferente, mas igualmente transformadora. Enquanto o Baile 0800 era marcado pela espontaneidade e pelo caráter popular, a Deekapz Experience trouxe uma imersão mais elaborada, com uma narrativa dividida em atos e uma curadoria audiovisual detalhada e foi nestes eventos que a admiração pelo trabalho da dupla só aumentou, é impressionante a forma que eles equilibram a autenticidade vinda de suas referências, como com o trabalho em vinil, com uma abordagem artística sofisticada e minuciosa.

Outros grandes momentos que posso ressaltar foram os festivais como Coala e Turá que pude acompanhar da pista a magia do som dos meninos e infelizmente, presenciar falar preconceituosas de algumas pessoas presente nos eventos, o que instigou minha vontade de pesquisar mais o tema na academia. Essas vivências não apenas ampliaram minha

compreensão sobre os bailes, mas também me conectaram a pessoas que compartilham experiências de vida e características físicas semelhantes às minhas. O senso de pertencimento que encontrei nesses espaços foi crucial para entender o papel dos bailes como agentes de construção identitária e expressão cultural. Além disso, a experiência de ter entrevistado a dupla e seu co-empresário foi um momento emblemático na minha carreira acadêmica, além de ser uma realização pessoal enquanto fã. O olhar trazido por eles forneceu uma perspectiva singular sobre a transformação dos bailes e seu impacto na esfera pública contemporânea, reafirmando a importância de espaços que valorizem a cultura periférica e reforcem a identidade dos indivíduos que os frequentam. Dito isso, mais do que eventos musicais, os bailes são catalisadores de mudanças sociais e culturais, e minha vivência pessoal dentro desse circuito foi essencial para compreender essa dinâmica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender a transformação dos bailes periféricos na esfera pública contemporânea, tendo como foco principal a dupla de DJs e produtores musicais Deekapz, cuja trajetória musical e artística simboliza a intersecção entre cultura periférica, inovação sonora e representatividade. A pesquisa percorreu desde o contexto teórico da esfera pública, analisando desde a concepção clássica de Habermas e visão de multiplicidade proposta por Massimo Di Felice, até a emergência de movimentos culturais como o Hip Hop e suas principais vertentes como o Rap e o Funk, essenciais para o desenvolvimento da identidade periférica no Brasil. Nesse cenário, os bailes aparecem como espaços não apenas de lazer, mas de resistência e expressão, reforçando o papel transformador da cultura na sociedade. Além disso, investigar o surgimento da House Music foi essencial para entender como o estudo de caso deste trabalho se beneficia dessas referências.

Isto posto, a análise revelou que, apesar de históricas associações negativas e estigmas vinculados aos bailes, ações como as promovidas pelo Deekapz ressignificam esses espaços através de projetos como o Baile 0800 e a Deekapz Experience. Essas iniciativas destacam a capacidade de artistas periféricos em dialogar com diferentes públicos, democratizando o acesso à cultura e subvertendo as barreiras impostas pela sociedade elitista. A fusão musical do Deekapz – que combina Funk, Hip Hop e House Music – exemplifica a inovação artística que nasce da periferia, conectando-a ao mainstream sem perder sua autenticidade.

Entendida como uma forte ferramenta de conexão humana, as redes sociais também emergiram como fator essencial na consolidação da identidade da dupla. Ao utilizá-las para ampliar seu alcance e reforçar sua estética visual e musical, o Deekapz se posiciona como símbolo de uma geração que encontra na música e na moda formas de resistência e construção identitária. Tal assimilação entre plataformas digitais, estilo pessoal e som é uma resposta direta à fragmentação da esfera pública, na qual diferentes ecologias culturais coexistem e se comunicam. Por fim, a experiência pessoal com os eventos promovidos pelo duo, corroborou para exemplificar o impacto dos bailes na construção identitária de uma jovem periférica.

Conclui-se, portanto, que os bailes periféricos e o trabalho de artistas como o Deekapz são essenciais na promoção de mudanças sociais e culturais, ressignificando as narrativas repletas de discriminação atribuídas à periferia e mostrando que são espaços plurais, inovadores e ricos polos culturais. Dessa maneira, este estudo, ao aliar teoria, análise cultural e vivências pessoais, espera contribuir para a valorização da cultura periférica enquanto elemento central na construção de um Brasil mais plural e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, n. 3 mai/jun/jul/ago 1997, n. 5. set/out/nov/dez 1997.

ALMEIDA, A, P.. **Explorando as raízes da história : o cangaço na memória coletiva da cidade de Canindé de São Francisco** - SE. São Cristóvão, 2023. Monografia (licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023

AMORIM, G. Entrevista | Deekapz expõe sets inovadores e confirma álbum para 2023. **NOIZE.**, 2022. Disponível em: <https://noize.com.br/entrevista-deekapz-expoe-sets-inovadores-e-confirma-album-para-2023/#1>. Acesso em: 06 nov. 2024.

ANDRADE, J. P. **Cidade cantada: educação e experiência estética**. São Paulo: UNESP, 2010.

BAMBAATAA, Afrika. Entrevista. **Afrika Bambaataa e a origem do hip-hop**. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>. Acesso em 15 out. de 2024.

CATRACA LIVRE. **Conheça a história do Funk Carioca**. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/tecnologia/indicacao/conheca-ahistoria-do-funk-carioca/>. Acesso em: 03 out. 2024.

CRUZ, M, M.; DI FELICE, M. **Esfera pública e Internet: questionamentos e novas formas de participação netativistas**. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 42, 2019, Belém, PA

DE KERCKHOVE, D. Da democracia à ciberdemocracia. In: DI FELICE, M. (Org). **Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social**. São Caetano do Sul, SP:

DI FELICE, M. Apresentação do dossiê: **A cidadania digital, o net-ativismo e o protagonismo dos não humanos**: a comunidade que vem. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: PPGCOM – UFJF, v. 12, n. 3, p. 1-2, set./dez. 2018.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus Editora, 2017. Difusão Editora, 2008.

GALIETA, T. (2022). **A Literatura Do Rapper Emicida Como Referência Para Uma Educação Antirracista**. Revista Desenvolvimento & Civilização, 3(1), 145–181. <https://doi.org/10.12957/rdciv.2022.57035>

HABERMAS, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade, v. II.** Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, J. **Kultur und kritik: verstreute aufsätze.** Frankfurt am Main: Surhkamp, 1973.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública.** Tradução de Flávio Köthe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. (Biblioteca Tempo Universitário, 76 – Série Estudos Alemães).

HUTTER, E. Estilo e resistência: cultura periférica 'fura a bolha' e ganha destaque no mundo da moda. **G1.** São Paulo, 2024. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2024/08/21/estilo-e-resistencia-cultura-periferica-fura-a-bolha-e-ganha-destaque-no-mundo-da-moda.ghtml>>. Acesso em: 08 nov. 2024.

SUMINE, J. **I Was There When House Took Over The World.** Reino Unido: C4, 2017.

KONDZILLA. **Funk ostentação, o filme.** Kondzilla, 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=DBakFKIHpV4>. Acesso em: 08 nov. 2024.

LÉVY, P. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LÉVY, P. **Ciberdemocracia.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LÉVY, P. A esfera pública do século XXI. *In*: Di Felice, M. (orgs) **Net ativismo.** Luminuras, 2017.

LOPES, N; SIMAS, L. A. **Dicionário da história social do samba.** São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2016.

LOSEKANN, C. **A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro.** Pensamento Plural, Pelotas, n. 4, p. 37-57, jan./jun. 2009.

LOPES, V. S. C; PENAFIERI, V. A pesquisa como ferramenta do planejamento estratégico de comunicação organizacional. **(Re) leituras contemporâneas sobre comunicação organizacional e relações públicas.** Porto Alegre: EdUPUCRS, 2017. Disponível em:
<https://editora.pucrs.br/download/livros/1224.pdf>. Acesso em: 05 de nov. de 2024.
Título do vídeo. Ano. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z-6BASAv9q8>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MOURA, A. Deekapz: “não tem como pegar o nosso som e rotular”. **Rapresentando.** , 2021. Disponível em: <https://rapresentando.com/deekapz-entrevista/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

MOURA, A. Deekapz: “O DJ tem o papel de disciplinar a pista. Então, a gente tem essa obrigação de apresentar música nova”. **Rimas e Batidas.** , 2024. Disponível em: <https://www.rimasebatidas.pt/deekapz-o-dj-tem-o-papel-de-disciplinar-a-pista-entao-a-gente-t-em-essa-obrigacao-de-apresentar-musica-nova/>. Acesso em: 05 nov. 2024.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública.** São Paulo: Unesp, 2014.

NOVAES, T. Os reis da pista: Deekapz assume destaque na cena eletrônica paulistana. **VEJA SÃO PAULO** , 2022. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/coluna/tudo-de-som/deekapz-djs-sao-paulo/#google_vignette Acesso em: 06 nov. 2024.

OLIVEIRA, E. M. S. **Rap Contestação E Funk Ostentação: Consumo E Discursos Sonoros Na Periferia.** Unesp, 2016.

RACIONAIS MC’S. Fim de semana no parque. *In:* _____. **Raio X do Brasil.** São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. 1 CD, Faixa 2.

REGINA, T. DKVPZ lê-se “diquépiz”. **Monkeybuzz.** , 2019. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/dkvpz-le-se-diquepiz/>. Acesso em: 05 nov. 2024

REGINA, T. Deekapz: flertando com a noite **Monkeybuzz.** , 2021. Disponível em: <https://monkeybuzz.com.br/materias/deekapz-flertando-com-a-noite/>. Acesso em: 05 nov. 2024

SANTOS, O, A. **“Vim pra sabotar o seu raciocínio” : uma análise interseccional acerca da intelectualidade a partir da entrevista “Mano Brown no Roda Viva” (2007).** São Cristóvão, 2023. Monografia (licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2023

SARMENTO, G. Deekapz: Conheça duo promissor de eletrônica que vai levar funk e música brasileira ao Lollapalooza. **G1.** , 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/lollapalooza/2023/noticia/2023/03/26/deekapz-conheca-duo-promissor-de-eletronica-que-vai-levar-funk-e-musica-brasileira-ao-lollapalooza.ghtml>. Acesso em: 06 nov. 2024.

SVENDSEN, L. **Moda: uma filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

TEPERMAN, R. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil.** 1a ed. São Paulo. Claro Enigma. 2015.

TOLENTINO, A. R. **Rap e Repente: do tecer das rimas ao canto falado.** 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

TUNTISTUN, House Music – Can You Feel It?. **Tuntistun**, 2021 Disponível em: <https://www.tuntistun.com.br/house-music-can-you-feel-it/>. Acesso em: 08 out. 2024

WE GO OUT. House Music: como surgiu um dos movimentos artísticos mais importantes da atualidade? **We Go Out**, 2021. Disponível em: <https://wegoout.com.br/noticias/house-music>. Acesso em: 08 out. 2024.

APÊNDICE A - Entrevista Com Deekapz